

MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO: BREVES REFLEXÕES¹

Yuri Givago Alhadef Sampaio Mateus

Graduado em História Licenciatura pela UEMA

Mestrando na área de Memória e Identidade pela Universidade Estadual do Maranhão pelo Programa de Pós-Graduação em História, Ensino e Narrativa (PPGHEN) yuri_alhadef@hotmail.com

Elizabeth Sousa Abrantes

Doutora em História Social pela UFF

*Professora Adjunta do Departamento de História e Geografia, da Universidade Estadual do Maranhão
bethabrantes@yahoo.com.br*

Resumo: O presente trabalho aborda alguns dos problemas enfrentados pelo Ensino de História do Maranhão quanto à falta de materiais didáticos, já que esses materiais didáticos são necessários para os procedimentos de ensino para que os alunos reflitam os processos históricos e se percebam enquanto sujeitos ativos, capazes de lerem o mundo a sua volta. Apresentamos uma pequena alusão às problemáticas que o ensino de história enfrenta na educação básica e as dificuldades enfrentadas pelo Ensino de História do Maranhão na sala de aula, pois como quase não existem livros didáticos sobre História do Maranhão para a Educação Básica, os professores encontram dificuldades para ensinarem a história local, o que os obriga a prepararem as suas aulas diretamente das produções acadêmicas disponíveis e conhecidas.

Palavras-Chave: História do Maranhão. Materiais Didáticos. Ensino de História.

Introdução

O ensino de história tem sido objeto de estudo para muitos pesquisadores, dado o seu valor para a formação do indivíduo enquanto sujeito ativo da sua própria história. Desse modo, damos destaque neste trabalho ao ensino da História Regional ou Local, especificamente, ao Ensino de História do Maranhão que há décadas enfrenta o problema da falta de materiais didáticos apropriados, atualizados e em sintonia com as exigências legais. Mais recentemente, com a implementação do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), os conteúdos específicos da história do Maranhão, que ainda eram contemplados no currículo nacional, deixaram de ser exigidos, fazendo com que os estudantes se interessem menos ainda pela história local, assim como muitos docentes diminuíam a já insignificante carga horária dedicada a esses conteúdos.

Bittencourt (2008, p. 168) advoga que a história regional proporciona, na dimensão do “[...] estudo do singular, um aprofundamento do conhecimento sobre a história nacional, ao estabelecer relações entre as situações históricas diversas que constituem a nação”, e coloca a importância da memória para a história local. Para a autora, a “memória é, sem dúvida, aspecto relevante na configuração de uma história local tanto para os historiadores como para o ensino”.

¹ Essa comunicação integra o projeto de mestrado “História do Maranhão na sala de aula: a construção da ordem política imperial na província do Maranhão (1823-1841)”, sob a coordenação da Prof. Dr^a Elizabeth Sousa Abrantes. A pesquisa é financiada pela Fundação de Amparo a Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

O objetivo em fazer esse trabalho é chamar atenção para a ausência de materiais didáticos sobre a História do Maranhão e a necessidade urgente de reversão desse quadro, com a elaboração de produções didáticas capazes de levarem os alunos a tomarem conhecimentos da História local, refletindo sobre os processos históricos para ajudar na sua formação enquanto sujeitos ativos, capazes de lerem o mundo a sua volta. A importância de se ter materiais sobre o ensino de História do Maranhão é contribuir para que os estudantes conheçam interpretações da História local, reflitam sobre suas origens e identidades, sobre os processos socioeconômicos e políticos, com suas mudanças e permanências, e valorizem a pluralidade étnica e cultural que constitui a formação social do Maranhão.

Ensino de História

Os professores de história com seu trabalho produzem em seus alunos parte das suas identidades pessoais, políticas e profissionais, participando da construção da identidade do outro (CERRI, 2011). A história se faz pelo agir do homem no tempo e no espaço, constrói-se com o agir individual, e cada ser humano é um sujeito histórico que participa ativamente da história, e nenhum agente nasce sem história e em um mundo sem história, afirma Estevão Martins (2011).

No Brasil, os anos de 1980 e 1990 foram marcados por tentativas de professores e intelectuais, que tinham interesses com o ensino de história, de formularem propostas que congregassem a nova identidade nacional a formar alunos socialmente críticos, revendo a história dos vencedores e dando espaço para outras histórias, como a dos vencidos, dessa maneira tentando trazer para sala de aula homens e mulheres comuns e convencendo os alunos do protagonismo essencial do povo nos processos históricos (CERRI, 2011).

Os métodos do ensino de história na escola e da história acadêmica são distintos, porque o primeiro mobiliza outros recursos e saberes para além daqueles utilizados na construção da história na academia. O conhecimento acadêmico se orienta pelas regras de um método de análise crítica das fontes e pelo exercício da narrativa escrita, dessa maneira o conhecimento ganha uma forma complexa, que age com recortes, porém, propõe grande número de articulações entre eles, de maneira a mobilizar os recursos críticos do leitor, juntamente, estimular sua sensibilidade e emoções. A história escolar se orienta por regras pedagógicas próprias, adaptadas aos diferentes graus de formação dos alunos; por práticas aprendidas e pela erudição conquistada mediante a formação profissional/intelectual do docente como historiador; por saberes obtidos na vida e pela vivência em sala de aula (GONTIJO, MAGALHÃES, ROCHA, 2008).

Guimarães (2009) discorda daqueles que enxergam o “saber escolar” como inferior em relação ao conhecimento científico. Explica que muitos têm preconceitos com essa forma de conhecimento, mas lembra que a ciência também se equivoca, basta lembrar-se das teorias raciais do século XIX.

O currículo recebe crítica de Ana Maria Monteiro (2003), pois para ela o currículo já vem formado, organizado, pronto e acabado. Conforme Garcia e Schmidt (2005), deve ocorrer uma renovação e reformulação dos conteúdos, assim como da ideia do relacionar o ensino ao espaço da sala de aula. Por outro lado, esses pesquisadores também defendem que a sala de aula é um lócus privilegiado para a formação da consciência histórica com perspectiva crítica, acrescentando que esse local é um espaço para compartilharem experiências individuais e coletivas e que a produção escolar é possível e acontece por diferentes saberes, pois a história estuda os homens e mulheres recuperando o sentido de experiências individuais e coletivas. A história local pode ser útil nessa finalidade apontada pelos autores acima.

História Regional ou local: Maranhão e suas problemáticas

Muitas vezes a História Regional tem permanecido longe dos interesses e alcance dos alunos. No caso do Maranhão isso acontece em parte devido a ausência de material didático que aborde a História local. Outro fator que tem diminuído o interesse pela história local foi à adesão das universidades públicas ao Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), que fez com que os alunos dessem pouca atenção à história que contempla os estudos regionais. Sobre a história regional, Giron (2000, p. 28-29, grifos nossos), diz que:

[...] a história regional, filha do espaço e da dependência, considerada por muitos como apenas bastarda do Clío [...] O preconceito contra a história regional é tão antigo como a própria História. Já os gregos rejeitam a história regional, ao estudar grandes mudanças históricas que excluem, não só a história local, como os historiadores locais. A concepção histórica dos gregos, bem como sua filosofia, permanecem ao longo dos séculos. A história regional continua sendo repelida para fora da história geral, tanto então como agora. Tal rejeição tem um sentido e obedece a alguns pressupostos teóricos e ideológicos.

Segundo os PCN⁵, a importância da história no currículo escolar não se prende apenas a uma preocupação com a identidade nacional, porém, a disciplina pode oferecer contribuição específica ao desenvolvimento dos estudantes como sujeitos conscientes, capazes de apreender a História como conhecimento, como experiência e prática de cidadania. O Saber histórico escolar, como conhecimento produzido no espaço escolar, desempenha um papel de tornar o aluno um observador atento das realidades em sua volta, capacitado para estabelecer relações, comparações e

relativizando sua atuação no tempo e espaço. Isso é importante para a valorização de uma história local, que historicamente tem sido parcialmente desconhecida, desvalorizada, esquecida ou omitida.

Geralmente os livros didáticos trazem em seu conteúdo temas mais gerais, e às vezes de cunho historiográfico conservador, sem trazer à tona temas mais específicos da História Regional. Ao observamos os livros didáticos, os espaços dados a História do Maranhão, quando isso acontece, são minúsculos, sem muita expressão. Sabemos que para a produção de um material didático há todo um processo complexo. Como salienta Engel (2009) as produções didáticas são consideradas produto cultural dotado de alto grau de complexidade, tendo sua autoria plural, na qual fazem parte, além do autor, as figuras do editor, dos programadores visuais e dos ilustradores. Sobre quem produz o livro didático, Engel (2009, p. 30) diz que “enquanto formulador de um discurso historiográfico específico, o autor do livro didático pode utilizar a produção historiográfica acadêmica para fundamentar o conhecimento histórico abordado em termos de argumentos de autoridade, buscando sua legitimação”.

Como quase não existem livros didáticos sobre História do Maranhão para a Educação Básica, e por na maioria das vezes desconhecerem as produções acadêmicas, os professores da educação básica quase não trabalham em suas aulas a história do seu Estado, quando trabalham utilizam as obras tradicionais dos historiadores por ofício, como Mário Martins Meirelles com sua obra *História do Maranhão*, publicada em 1960. O que leva na maioria dos casos os professores a reproduzirem o conteúdo ideológico desses livros sem tecer críticas e sem levar os alunos a refletirem sobre os processos históricos. E também ainda é comum os docentes recorrem às apostilas que circulam no meio escolar, cuja autoria nem sempre é conhecida, para serem usadas em preparatórios pré-vestibulares ou de concursos, na finalidade do aluno apenas decorar os fatos históricos para alcançarem aprovações nos exames que irão prestar.

A obra *História do Maranhão*, de Mário Meireles, publicada em 1960, tem uma escrita tradicional que apresenta uma história narrativa, linear e descritiva. “Meireles a planejou como uma grande unidade em que condensou todos os eventos políticos, econômicos e culturais que considerou relevantes para contar a “verdade” sobre a história do Maranhão” (SILVA, 2008, p. 148). O propósito da obra de síntese da história regional era proporcionar aos professores os conteúdos considerados relevantes e centrais para a compreensão da história local. O modelo, salvo algumas diferenças, ainda era o mesmo que foi estabelecido no século XIX por Varnhagen, cuja ênfase dos conteúdos eram os fatos políticos e econômicos.

Nessa mesma linha, a obra *História do Maranhão*, de Carlos Lima, publicada em 1981, traz uma síntese da história local com praticamente a mesma organização dos conteúdos. Esse tipo de

obra não atende as exigências dos livros didáticos, foram escritas em outros momentos e não atendem às demandas da atualidade, no entanto, são livros que fazem parte da realidade dos professores da educação básica que elaboram suas aulas a partir deles, limitando-se em assuntos políticos, econômicos, deixando de lados temas culturais, sociais, as relações de gêneros, participação popular, tão necessários e pulsantes na contemporaneidade.

Na década de 2000, o pesquisador Joan Botelho, professor de história das redes pública, particular e cursos preparatórios de vestibular e concurso, lançou o livro intitulado *Conhecendo e debatendo a História do Maranhão* (2007), que visou atender ao Ensino Médio, as provas de vestibulares e concursos. Apesar do esforço em dialogar com a historiografia maranhense atual, e em trazer novos temas para a discussão, a exemplo das temáticas sociais, rurais e dos problemas atuais do Estado, a obra não apresenta as características exigidas para os livros didáticos, nem no uso da linguagem e nem os elementos metodológicos e avaliativos que proporcionam a interação com os estudantes. Além dos conteúdos, a obra traz trechos de documentos e inúmeras questões de vestibulares. Ainda assim, não se encaixa nas exigências contidas Plano Nacional do Livro Didático (PNLD).

Martins (2011) apresenta duas formas de ensino, um chamado de “ensino tradicional” que transmite uma história positivista, e o outro chamado de “ensino potencializador” com efeito formador e conformador da consciência histórica, nas pessoas, nas comunidades. Para ele, o ponto de partida do professor deve ser as experiências atuais dos alunos. De tal modo, acreditamos que o ensino da história do lugar em que o indivíduo habita cumpre a função de formar e conformar a consciência histórica do aluno. Os livros didáticos têm um papel importante nesse saber escolar, e são ferramentas úteis para os professores e estudantes no processo ensino-aprendizagem, os quais devem questionar o próprio processo de produção desse material didático, utilizando essa ferramenta de forma crítica e não passiva.

Conclusão

Diante do exposto, consideramos urgente a renovação do ensino de História do Maranhão, a produção de novos materiais didáticos, que contribuam para a formação crítica dos alunos, para que os mesmos sejam sujeitos ativos da sua própria história e atuem de forma consciente em sua realidade histórica. O ensino de história ainda enfrenta dificuldades como a desvalorização do “saber escolar” em oposição ao acadêmico, e quanto ao Ensino de História do Maranhão os problemas enfrentados se somam à avaliação do ENEM que exclui dos seus conteúdos a história local. A falta de materiais didáticos específicos sobre a História do Maranhão gera uma grande

lacuna no ensino de história local, contribuindo para um descaso da sociedade com sua própria identidade, um descaso com a reflexão crítica sobre a produção do saber escolar.

Referências

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo, Cortez Editora, p. 183-220, 2008.

BOTELHO, Jean. **Conhecendo debatendo a história do Maranhão**. São Luis: Fort Gráfica, 2007.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997, v.5, p. 19-45.

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

ENGEL, Magali Gouveia. Memórias e histórias dos balaios: Interpretações entre os saberes acadêmicos e a história ensinada. In: ROCHA, Helenice, Magalhães, Marcelo e Gontijo, Rebeca. **A escrita da história escolar. Memória e historiografia**. RJ: FGV editora, 2009. p.329-344.

GIRON, Loraine Slomp. Da memória nasce a História. In: LENSKIJ, Tatiana; HELFER, Nadir Emma (Orgs) **A memória e o ensino de História**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC – ANPUH – RS, 2000, p. 23-38.

GODÓIS, Antônio Batista Barbosa de. **História do Maranhão: Para uso dos alunos da escola normal**. 2 Ed. São Luís: EDUEMA, 2008.

MEIRELES, Mário (1960). **História do Maranhão**. São Luís: Siciliano, 2001.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. A Escrita da História e Ensino da História: Tensões e paradoxos. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (orgs.) **A Escrita da História Escolar: memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 35- 50.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. História: Consciência, Pensamento, Cultura, Ensino. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 42, out./dez., Editora UFPR, p. 43-58, 2011.

MONTEIRO, Ana Maria F. C. A história ensinada: Algumas configurações do saber escolar. **História & Ensino**, v. 9, p. 37-62, out. 2003

ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. **A Escrita da História Escolar: memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p.13-32.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira Dos Santos; I GARCIA, Tânia Maria F. Braga. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005.



SILVA, A.L.C. **Falas de decadência, moralidade e ordem: a “História do Maranhão” de Mário Martins Meireles.** 2008. 177f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.